

Já foi há muito tempo, há dois meses ou dois meses e meio e já faz novamente parte do passado. E contudo, foi no mesmo verão, cujo fim vivo agora em Cabul, a capital do Afeganistão, e no decorrer da mesma viagem, que me guiou através de muitas fronteiras, capitais e estações de todo o tipo até aqui. O número da matrícula do cantão dos Grisões e a pequena cruz suíça no meu Ford provam-me, se necessário, que tudo decorreu conforme planeado e conforme o que encontro escrito nos apontamentos do meu diário. E às vezes é necessário. Talvez o meu sentido da realidade não seja muito apurado, talvez me falte um instinto seguro e apaziguador para as realidades palpáveis da nossa existência terrena. Não é sempre que consigo distinguir recordações de sonhos e muitas vezes confundo sonhos, reavivados a cores, cheiros e associações repentinhas, com a inquietante-apaziguadora certeza de uma vida anterior, da qual tempo e espaço me não separaram, nem mais nem melhor do que um sono leve na madrugada

“A nossa vida assemelha-se à viagem...” e, deste modo, a viagem parece-me ser menos uma aventura e uma excursão por sítios estranhos, do que uma imagem concentrada da nossa existência: instalados numa cidade, cidadãos de um país, pertencendo a uma classe ou a um meio social, membros de uma família e de uma estirpe, comprometidos com os deveres de uma profissão, os hábitos da vida quotidiana tecidos de todas estas realidades, sentimo-nos frequentemente demasiado seguros, acreditamos que construímos a nossa casa para toda a vida, somos tentados a acreditar numa perenidade que a uns transforma o envelhecer num

problema, e a outros qualquer transformação das condições externas numa catástrofe. Esquecemo-nos de que se trata de um processo em curso, de que o mundo está em constante movimento e de que também somos atingidos pela preia-mar e pela baixa-mar, por tremores de terra e por acontecimentos que são intangíveis e invisíveis na nossa proximidade imediata: pedintes, reis, figuras da mesma grande peça teatral. Esquecemo-lo pretensamente por amor da nossa paz interior, ela própria também construída sobre areias movediças. Esquecemo-lo para não sermos obrigados a ter medo. E o medo torna-nos teimosos, só chamamos realidade àquilo que podemos agarrar com as próprias mãos e que nos diz directamente respeito, e negamos a violência do fogo, quando a casa do vizinho já está a arder, mas a nossa não. Há guerra noutros países? Apenas a doze horas, doze semanas das nossas fronteiras. Deus nos proteja do medo que por vezes nos assola; sentimo-lo também ao ler livros de história. Tempo ou espaço é a mesma coisa, o que quer que nos possa separar dos acontecimentos.

A viagem, no entanto, levanta ligeiramente o véu que cobre o mistério do espaço - e uma cidade de nome mágico e irreal - Samarcanda, a dourada, Astracã ou Isfahan, a cidade do óleo de rosas - torna-se real no momento em que a pisamos e a tocamos com o nosso alento vivo. O chão de Damasco ecoa por baixo dos nossos passos, as colinas de Erzurum brilham à luz do entardecer, os minaretes de Herat emergem nos confins da planície. Mas uma epidemia de cólera retém-nos no Irão e o que até agora era uma visão furtiva, uma pausa para respirar, torna-se um episódio, um pedaço de existência vivida. Em Cabul fazemos amizades, instalamo-nos como em casa, conhecemos o russo, que faz pão europeu e o Gulam Haidar, que vende canetas de tinta permanente, envelopes de avião e comprimidos de Veramon. Rapidamente adquirimos os nossos pequenos hábitos, já encontramos o caminho de casa às escuras e por fim é apenas por acaso que não passamos aqui o resto da vida - aqui ou em qualquer outro lado, por exemplo na margem do mar Cáspio, onde o clima é infernal e o caviar uma pechincha, a febre da Malária grátis.

Não é verdade que outrora estudámos os usos e costumes de povos estrangeiros? Mas não aprendemos a enrolar o turbante

como o afegão e não sabíamos a que sabia o pilaf quotidiano, num país onde nos servem todos os dias para comer arroz e carne de carneiro e para beber chá, e jamais uma gota de álcool. Na viagem vai mudando a face da realidade, com as montanhas, os rios, com a forma como as casas são construídas, os jardins plantados, com a língua, com a cor da pele. E a realidade de ontem arde ainda na dor da despedida, a de anteontem é já um episódio encerrado, que nunca mais voltará; o que se passou há um mês é sonho e vida passada. E por fim compreende-se que o decorrer de uma vida, não é mais do que um limitado número desses episódios e que depende de 1001 coincidências o local onde, por fim, podemos construir a nossa casa — mas a paz das nossas pobres almas é um bem valioso da liberdade, que não devemos perseguir e que não se deve regatear, nem negociar com os ditadores, que incendiam as nossas casas, que podem espezinhar os nossos campos e semear a cólera de um dia para o outro.

Incerteza aterradora? Só é aterradora enquanto não a conseguirmos olhar nos olhos. Mas a viagem, que para muitos pode parecer um sonho leve, um jogo tentador, uma libertação do dia-a-dia, a liberdade, simplesmente, é na realidade impiedosa, uma escola dura e apropriada para nos habituar ao inevitável curso da vida, aos encontros e às perdas, tacho a tacho. "A viagem para Cabul" que é possível marcar no mapa, mesmo que só em traços largos, e que é possível calcular em quilómetros, mesmo que só aproximadamente, é já, na minha recordação, um tapete tecido cuidadosamente, tecido hora a hora de alento vivo, de sangue e suor e perdido para sempre, porque o tempo usa umas botas de sete léguas, desde que um acontecimento, a guerra se insidiou e nos avassalou, a mim e provavelmente à maioria dos meus semelhantes, como a cegos e surdos.

Foi há dois meses ou dois meses e meio. O mesmo Verão, fins de Julho, e eu tinha deixado o planalto iraniano e tinha descido o desfiladeiro de Firuzkuh até à densa floresta virgem, à selva húmida e aos arrozais alagados de Mazandaran, cobertos por uma nuvem de mosquitos, e chegara à costa azul clara do mar Cáspio, rodeada por dunas enlutadas. Terra fértil, melancólica, terra tornada familiar por uma vida anterior, por sonhos e pelas recordações dos últimos anos. Terra onde o Xá ergueu

fábricas de fiação de algodão, quintas exemplares, fábricas de secagem de tabaco. Os camponeses, que viviam quase na miséria do produto dos seus arrozais, foram mandados trabalhar nas fábricas, abastecidos de quinino, o chá substituiu o arroz, os casulos de seda da região valorizados. Na aldeia piscatória de Mesched foi construído um palace-hotel, foram contratados directores de hotel suíços, mestres tintureiros, tecelões de seda e cozinheiros. Crianças eram obrigadas a trabalhar em turnos de doze horas, às crianças de dez anos era dado meio kran ou cerca de 15 cêntimos por dia; as mais velhas recebiam dois krans por dia, mas em troca as mais dotadas tinham que frequentar o ensino nocturno para se tornarem tecelões e fiadores perfeitos, até mesmo capatazes, e muitas outras coisas.

Passei a noite em casa de um suíço. A mulher dele fez-nos café, enquanto nós estávamos sentados no terraço debaixo de um calor sufocante e húmido, e eu escutava o que me contavam do país e da gente e das bênçãos dos trabalhos da modernização, pois desde a minha última visita, há quatro anos, muita coisa tinha mudado. Na manhã seguinte deixo Mazandaran, o mar Cáspio ficou para trás, a selva abria-se. Já não havia telhados de colmo, nem campos de arroz; nem crânios de animais espetados em arbustos. Depois acabavam os campos de tabaco e com eles as possessões do Xá. Depois os campos de milho, que haviam restado aos camponeses. Havia ainda pastagens - algures num vale suave uma aldeia, árvores, pão. Na rua passava um homem de barba loira. Usava botas altas, a enxada ao ombro. Parei o carro; o homem, de olhos azuis, respondia de forma lacónica, em russo; sim, sim, ele tinha vindo do outro lado, da Rússia, com outros muchiques. Já não conseguiam viver na Rússia, os soldados vermelhos haviam-lhes tirado a última vaca, retirado de casa as cruzes e as imagens sagradas. Aqui no Irão havia agora uma nova aldeia. Havia pão preto e mel. Se queríamos comprar algum? Mas não havia nenhuma estrada transitável para a aldeia e o russo não se importou quando nos separámos e eu segui o meu caminho a direito para leste, ao encontro de um horizonte largo.

O ar era rarefeito e seco. Levantou-se um vento quente. Agora já não havia árvores, nem erva, nem campos, nem aldeias, nem cabanas, nem vedações, nem água. A terra tornou-se amare-

la. O céu pálido baixou repentinamente como um baldaquim pesado, sob o qual toda a vida sufocava e a noite, que caiu de repente, tingiu-se de violeta, e de amarelo-enxofre, de castanho ferrugem, vermelho cor de fogo — o espectáculo era belo, mas ao mesmo tempo aflitivo, como uma visão da “comédia divina”. E eu sabia agora, o que livros e mapas me tinham ensinado antes de forma insuficiente: que tinha deixado a depressão tropical do Mar Cáspio e que entrava nas estepes do Turquemenistão — o início dessas estepes e desertos imensos, que se estendem por toda a Ásia Central até ao Extremo Oriente. E eu via esta região pela primeira vez, pátria dos nómadas, das tendas negras, das *jurtas* dos pastores da Mongólia. Mas no Irão os nómadas eram obrigados à sedentarização dentro do programa de modernização; as tribos roubadas dos seus chefes já quase exterminadas. E os tapetes dos pendinis e dos teque-turquemenos, os alforges das suas selas coloridos e as riscas coloridas das tendas, os seus cavalos velozes? À minha esquerda, num horizonte agora extinto e cor de chumbo, via algumas tendas de pele de cabra miseráveis e as silhuetas estranhamente solenes de alguns camelos famintos. Um cão ladrava. E do mar Cáspio, do oeste, chegam até aqui abutres brancos, num voo lento. E foi tudo. A estepe abria-se em deserto, silêncio; o calor era de morrer, a noite ligava-se a este início da Ásia numa visão sombria. Foi então que apareceu na minha frente, mesmo em linha recta, o Gumbad-i-Gabus. A torre dos mongóis, monumento sepulcral de um Kahn, gigantesca e austera, e eu não pensei em reparar se o caixão de vidro ainda estava pendurado na ponta do telhado bicudo, como conta a lenda das estepes. A mim chegava-me o símbolo imponente do homem, que não temera a pobreza e toda a vastidão da estepe, hostil a todo o ser humano. Respirei fundo e tentei, apesar de tudo, saudar a vida... <<

>>

© Annemarie Schwarzenbach (2008), “Die Steppe”, in *Alle Wege sind offen*, Lenos Verlag, Basel, 31-37.

NOTA

* Tradução de Andreia Silva e Catarina Ramos, estudantes do 4.^o ano da licenciatura em Estudos Alemães na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Revisão de Teresa Martins de Oliveira.